



Cortiça da Amorim juntou-se ao design da Benetton no jardim da Expo

Amorim e Benetton criam coleção de mobiliário urbano para Expo de Milão

Inovação. Coleção é composta por 60 peças, entre mesas e bancos. Empresa forneceu também a cortiça para o pavilhão do Brasil

ILÍDIA PINTO

Portugal não está, neste ano, presente na Exposição Universal de Milão, onde estão representados 145 países, invocando os elevados custos de construção e manutenção de um pavilhão próprio. Mas a cortiça portuguesa está bem presente, não só no pavilhão do Brasil, mas também no mobiliário exterior, desenvolvido pela Fabrica, o centro de investigação e comunicação do grupo Benetton, em parceria com a Corticeira Amorim.

A Fabrica, que é dirigida pelo designer francês Sam Baron, venceu o concurso lançado pela Expo Milão para a conceção de uma área de lazer que enriqueça a experiência do visitante. Neste ano são esperados 20 milhões de pessoas.

Assim nasceu a coleção You Are the Park, uma gama de 60 peças de mobiliário, entre bancos, cadeiras, espreguicadeiras e mesas, fabricadas em cortiça, terracota de Galestro e madeira. O cariz inovador da coleção está relacionado, explicam os responsáveis do projeto, com o

carácter modular das peças, que podem ser usadas em diversos formatos e ser facilmente deslocadas, encorajando a interação com os visitantes, que são desafiados a criar o seu espaço personalizado. Mais importante ainda, este espaço, que está em constante mudança, transforma-se na forma e na cor, de acordo com a mudança de estações.

Questionado pelo Dinheiro Vivo sobre esta parceria com a Corticeira Amorim (ver entrevista ao lado) e sobre o que se segue, Sam Baron destaca que estão já a trabalhar nas próximas duas tranches de peças a adicionar ao parque, já que se trata, lembra, “de um projeto em evolução”.

Desenvolvida em sintonia com a temática da Expo, Alimentar o Planeta, Energia para a Vida, a linha de mobiliário sustentável foi desenvolvida sob o conceito “o que vem da terra a terra retorna”.

“Sentimo-nos orgulhosos de evidenciar que, através da junção de materiais recicláveis, *savoir-faire* e boas ideias, com um princípio base de respeito pela natureza, se

3 PERGUNTAS

“A Amorim é o nome na cortiça”



SAM BARON
Responsável de Design da Fabrica

É a primeira vez que trabalham com a Amorim?

Estivemos em Portugal há seis anos para estudar a indústria corticeira e a sua relação com o design e a ecossustentabilidade. Entre os muitos locais que visitámos estava a Amorim. Depois fomos acompanhando a empresa e os projetos em que se tem envolvido com designers e arquitetos... como o pavilhão de verão das Galerias Serpentine, em Londres.

Porque escolheu a cortiça para este seu projeto?

Queríamos trabalhar com materiais naturais, como a terracota, a cortiça e a madeira. Todos provêm da terra e à terra voltarão após a Expo. Há que ter em conta a quantidade de materiais que vai para o lixo ou é deixado para trás no fim da festa! Quisemos mostrar que o conceito por detrás da nossa coleção implicava pensar na questão do planeta como um todo.

E porquê a Amorim?

A Amorim é o nome na indústria corticeira. Eles têm a capacidade de transformar e produzir, pelo que são reconhecidos pela sua enorme qualidade e impacto visual.

pode gerar um design único”, frisa. Sobre a escolha da Corticeira Amorim, Sam Baron destaca que este era, “obviamente, o parceiro de referência” para um projeto como este. E há outros projetos em mente, mas nada que possa ser revelado para já.

O diretor de marketing do grupo Amorim, Carlos de Jesus, destaca a importância da “presença internacional continuada da cortiça, um produto intrinsecamente ligado a Portugal, com características imbatíveis em termos ambientais e de sustentabilidade, mas também com valências técnicas únicas”.

Não é por acaso que, entre os muitos clientes da cortiça, para lá dos mais famosos produtores de vinho, está já a indústria aeroespacial. “A cortiça portuguesa anda no espaço desde os anos 60”, frisa. Depois do êxito da cortiça nos pavilhões de Portugal na Expo de Hannover e na Expo de Xangai, Carlos de Jesus assume ser “interessante ver que o primeiro salto da cortiça para fora do universo nacional é em parceria com o Brasil”.

NEGÓCIOS



A empresa sempre em alta temperatura

INDÚSTRIA Seja para construir seja para reparar fornos industriais e queimadores, a Isolmondego envia quadros para trabalhar em todo o mundo

A Isolmondego trabalha desde 2001 num ramo muito específico da construção civil. Esta empresa com sede na Fagueira, Amadora, e escritórios na Figueira da Foz, opera no setor refratário, no revestimento de fornos e caldeiras. Do leque de atividades da empresa fazem parte a demolição, construção, instalação, reparação e manutenção de fornos industriais e queimadores. A Isolmondego proporciona ainda assistência técnica e de prevenção aos seus clientes, em qualquer situação, e com a promessa de responder no mais curto espaço de tempo a emergências. A experiência é um garante.

Diz quem sabe que quando se fala em fornos industriais e instalação de material refratário, a Isolmondego é um nome que surge imediatamente. Carla Louro, diretora financeira da Isolmondego, explica que os clientes são dos mais diversos setores: “Em Portugal, na área cimenteira, como a Cimpor e a Secil, na indústria papeleira, como a Soporcel e a Celbi. No estrangeiro, nas mesmas áreas, com a cimenteira Lafarge, no Brasil, na indústria química também trabalhamos com a

Exxon Mobil e na indústria vidreira com a Vidralia”, diz. Preocupada desde o início em prestar um serviço de qualidade, a Isolmondego tem tido um crescimento sustentado. A empresa foi distinguida com o PME Líder durante quatro anos consecutivos, entre 2008 e 2012 e PME Excelente consecutivamente de 2010 a 2012.

O mapa geográfico dos serviços prestados pela Isolmondego abrange “Espanha, Bélgica, Luxemburgo, Suíça e Itália. Fora da Europa, Marrocos, Costa do Marfim, entre outros”. Normalmente o trabalho nestes locais é feito com recurso a mão-de-obra que viaja de Portugal para os países de destino.

A grande fatia do volume de negócios da empresa é obtida além-fronteiras. Dos dez milhões de euros alcançados em 2014, 85 por cento foram realizados no mercado externo. No processo de internacionalização, a Caixa Geral de Depósitos teve um papel importante. A diretora financeira Carla Louro diz que o banco “ajuda, por exemplo, no pagamento de despesas dos funcionários quando estão deslocados no estrangeiro”. “Eles têm alguns produtos que nos facilitam esse trabalho”, sublinha a diretora financeira da Isolmondego, que confessa que o banco ajudou também “no financiamento das instalações”. Além do financiamento, a Isolmondego também tem na Caixa a sua conta corrente. Carla Louro diz que o relacionamento com o banco público é simples: “Têm uma equipa multidisciplinar que facilita muito o contacto e são rápidos a responder.”

NUNO SERRA FERNANDES

